

CARRETEL

FUNDAÇÃO IBERÊ



#6

MAIO
JUNHO
JULHO
2021



#06

O Fabuloso Universo
de Tomo Koizumi

#10

Arnaldo de Melo
O gesto crispado

#12

Eduardo Haesbaert
Um rio que passa

+

+ Modelar no tempo: Iberê e a moda
+ Gelson Radaelli + Paisagem Concreta
+ Fio de Ariadne chega ao Tomie Ohtake

Em função da pandemia do coronavírus, tivemos que fechar, abrir e voltar a fechar as portas e reprogramar atividades, exposições e projetos organizados desde o início do ano passado.

Agora, temos a alegria de reabrir com todos os espaços ocupados. Somadas, são praticamente cinco exposições, que transitam da moda, em **O Fabuloso Universo de Tomo Koizumi**, deste mesmo jovem criador japonês, até a rápida passagem de Iberê Camargo pela Rhodia, mostrando quão versátil e curioso foi nosso patrono, em **Modelar o Tempo – Iberê e a Moda**.

Na mostra inédita, **Um rio que passa**, temos trinta e seis obras inéditas de Eduardo Haesbaert, responsável pelo Ateliê de Gravura e colaborador de Iberê durante quatro anos, marcando a sua primeira individual na instituição que ele ajudou a pensar com Maria Coussirat Camargo. Inquieto, o artista iniciou a produção desta série ainda em 2020: a tensão e a suspensão do tempo que vivemos, com “paisagens urbanas em ruínas, imagens de uma Babel que explodiu. O cenário ausente de presença humana e de um trampolim à espera do salto e do mergulho de quem as contempla”, nas palavras do artista gaúcho.

Eduardo e a Fundação Iberê não poderiam deixar de prestar uma **Homenagem a Gelson Radaelli**, nome importante da arte no Rio Grande do Sul e admirador de Iberê. Foi Radaelli quem apresentou os dois, e poderíamos, quem sabe afirmar, que ele é também corresponsável por este “rio” que inunda o segundo andar do nosso centro cultural.

Por fim, a Fundação recebe, pela primeira vez, o artista paulistano Arnaldo de Melo, em **O Gesto Crispado**, com trabalhos produzidos especialmente para esta mostra e outros realizados nos períodos em que viveu em Nova York e Berlim. Um conjunto de tinta acrílica sobre tela, minuciosamente pensado para o nosso espaço arquitetônico, do já premiado Álvaro Siza.

Não poderíamos deixar de registrar a nossa itinerância em São Paulo, com a exposição **Iberê Camargo – O Fio de Ariadne**, no Instituto Tomie Ohtake, aberta em 24 de abril passado. Esta mostra, que já marcou Porto Alegre pelo ineditismo do conjunto, foi enriquecida na capital paulista por uma nova descoberta, a tapeçaria recentemente localizada em Belo Horizonte, que só tínhamos conhecimento graças ao desenho original, pertencente a uma outra coleção particular em São Paulo. Assim tem sido desde o início deste projeto, uma pesquisa constante, da qual ainda faltam duas tapeçarias até agora não encontradas.

Apesar de tudo, seguimos confiantes. Com a mesma alegria dos tempos mais tranquilos.

No período mais grave do isolamento, criamos laços com instituições do país, fortalecemos e somamos novas parcerias e reforçamos o relacionamento com nossos patrocinadores.

Todos juntos, sempre, no nosso dia a dia pela cultura e pela educação, tarefa que nos mantém unidos e mais fortes.

Sejam todos bem-vindos!

Emilio Kalil

Diretor-superintendente da Fundação Iberê



Fundação Iberê

CONSELHEIROS

Jorge Gerdau Johannpeter
Presidente
Arthur Bender Filho
Arthur Hertz
Beatriz Bier Johannpeter
Celso Kiperman
Dulce Goettems
Fernando Luís Schüler
Frances Reynolds
Glaucia Stifelman
Hermes Gazzola
Isaac Alster
Jayme Sirotsky
Joseph Thomas Elbling
Lia Dulce Lunardi Raffainer
Livia Bortoncello
Nelson Pacheco Sirotsky
Olga Velho
Renato Malcon
Rodrigo Vontobel
Sérgio D'Agostin
Wagner Luciano dos Santos Machado
William Ling

Conselho Fiscal

Carlos Cesar Pilla
Carlos Tadeu Agrifoglio Vianna
Gilberto Schwartzmann
Heron Charneski
Ricardo Russowsky
Volmir Luiz Gilioli

Diretores

Mathias Kisslinger Rodrigues
Diretor-Presidente
Daniel Skowronsky
Vice-Presidente
Anik Ferreira Suzuki
Ingrid de Kroes
Jorge Juchem Zanette
Justo Werlang
Patrick Lucchese
Pedro Dominguez Chagas

EQUIPE

Diretor-Superintendente

Emilio Kalil

Superintendência-Executiva

Robson Bento Outeiro

Secretária Executiva

Luciane Zwetsch

Comunicação e Imprensa

Roberta Amaral

Design e Plataformas Digitais

Arthur Marques

José Kalil

Programa Educativo

Lêda Fonseca, consultoria pedagógica

Ilana Machado, coordenação

Aisha Costa, Ewandra Palskuski,

Gabriel Farias, Kailã Isaías,

Natália Meneguzzi, mediação

Acervo/Ateliê de Gravura

Eduardo Haesbaert

Gustavo Possamai

Administrativo/Financeiro

Carolina Miranda Dorneles

Guilherme Collovini, assistente

Consultoria Jurídica

Silveiro Advogados

Gestão do site e TI

Machado TI

Produção

Thiago Araujo

Catálogo e

Comunicação Visual

Pomo Estúdio

Conservação e Manutenção

Lucas Bernardes Volpatto, consultor

Arnaldo Henrique Michel, encarregado

Jonathas Rosa dos Anjos, assistente

Loja Iberê

Leonardo Picoli

Receptivo

Henrique Ferrari

CARRETEL
FUNDAÇÃO IBERÊ

Editores

Emilio Kalil
Roberta Amaral

Revisão

Midiarte Comunicação

Capa

Eduardo Haesbaert.

Uma Babel que explodiu,

2021 (detalhe).

Foto: Fabio Del Re_VivaFoto

Projeto Gráfico e

Diagramação

Pomo Estúdio

Em função da pandemia, as edições #4 e #5 da Carretel ganharam somente versão digital e estão disponibilizadas no site da Fundação Iberê.



Depois do sucesso nas escolas de Porto Alegre, Fundação Iberê e CMPC atravessam o rio



Visita dos alunos que participaram do programa Iberê nas Escolas à itinerância da 33ª Bienal de São Paulo, que aconteceu entre 12 de outubro e 19 de novembro de 2019, na Fundação Iberê. Foto: Nilton Santolin

Com o propósito de estreitar os laços com estudantes por meio de atividades artísticas no período escolar, a Fundação Iberê e a CMPC – Celulose Riograndense dão início ao programa em cinco escolas municipais de Guaíba: Iberê LAB.

No total, até dezembro, serão atendidas 163 crianças do 5º ano, divididas em sete turmas:

EMEF Darcy Berbigier: 28 alunos
EMEF Rio Grande do Sul: 56 alunos - duas turmas
EMEF Anita Garibaldi: 49 alunos - duas turmas
EMEF Breno Guimarães: 21 alunos
EMEF Evaristo da Veiga: 9 alunos

A intenção desta metodologia inovadora, durante esse período de isolamento social, é qualificar o processo de aprendizagem e favorecer o desenvolvimento dos alunos,

propiciando criatividade, coletividade e imaginação para uma aprendizagem significativa. As atividades serão planejadas e implantadas por um núcleo formado por profissionais em arte na pedagogia e mediadores culturais, com o objetivo de despertar nas crianças o interesse de ler, interpretar e, conseqüentemente, de se expressar por meio de propostas diversas do universo artístico e literário, explorando as diferentes linguagens.

Além das videoaulas, que serão aplicadas no modelo de comunicação síncrona, a Fundação Iberê também abrirá suas portas, mediante a flexibilização das medidas restritivas, aos alunos para uma visita guiada. Para a grande maioria, será a primeira vez num espaço cultural, num passeio que irá estimular a curiosidade e o interesse, atraindo para o conhecimento da história da instituição e seu acervo, bem como para o universo museal.

A partir deste movimento, as crianças dividirão a experiência com suas famílias e amigos e, conseqüentemente, acabarão despertando o interesse de outras pessoas.

O programa também oferece uma oportunidade aos educadores de implementar soluções criativas em seus espaços de convívio, a fim de deixá-los mais instigantes na busca pelo conhecimento e o olhar estético sensível para o futuro.

Iberê nas Escolas, a arte-educação como ferramenta democrática

De junho de 2019 a janeiro de 2020, a Fundação Iberê esteve presente em seis escolas da rede municipal em Porto Alegre, atuando com 250 alunos no contraturno com atividades de arte-educação.

Logo no início, o projeto Iberê nas Escolas apostou em atividades de integração do grupo e na criação de regras de convivência elaboradas com os alunos. O espaço escolar e seu entorno também se tornaram foco de atenção. Foram criados mapas afetivos para compreender como os alunos os habitavam e quais eram seus desejos de mudanças e ressignificações. A partir daí, foram criados pequenos projetos de intervenções em cada instituição.

A EMEF Neusa Goulart Brizola criou o Jardim Árvore da Vida, um dos espaços mais ambiciosos enquanto estrutura física. Além de os alunos construírem materiais como balanços, rede, bancos, lixeiras e plantarem mudas, foi aberto um caminho de participação ativa deles, tanto nas decisões quanto na execução.

Da EMEF Gabriel Obino surgiu a Biblioteca Ambulante, feita com caixa de frutas e rodinhas, a qual se uniu também uma caixa de personagens de pano, um tapete de contação de histórias e até uma colcha de bordados feitos pelas crianças. Na mesma escola, uma Horta dos Sentimentos foi cultivada. Os próprios alunos se responsabilizaram em, periodicamente, regar as saladas e acompanhar o crescimento, intervindo em mutirão para a manutenção.

Na EMEF Victor Issler, o trabalho com o corpo, a partir de oficinas de circo, desencadeou na criação de um armário de brinquedos deste segmento. Também ali se projetou uma Casinha de Exposições.

Amarelinhas no chão foram pintadas pelos alunos da EMEF Gabriel Obino. Na EMEF Lidovino Fanton, como se tratava de turma de primeiro ano, as próprias arte-educadoras pintaram novas brincadeiras.

Na EMEF Leocádia Prestes, um trabalho de releitura de obras da história da arte ganhou repercussão nacional. Transposto em mídia de vídeo, **Da pintura à fotografia: alunos da EMEF Leocádia Prestes nos retratos de arte** foi desdobramento da exposição **Selfie: Iberê em modo retrato**, que os pequenos haviam visitado na Fundação Iberê. O projeto foi inscrito e selecionado no Programa de Alfabetização Audiovisual e exibido na Mostra Olhares das Escolas no Cinemateca Capitólio, no centro de Porto Alegre.

“Acreditamos que educar é muito mais que desenvolver habilidades das diferentes áreas do conhecimento; temos que transformar formas de estar no mundo, de se relacionar com as pessoas, de olhar o entorno, e isso só com o tempo, persistência e planejamentos que facilitem várias formas de interação não violenta, respeitosa e democrática”, diz Emilio Kalil, diretor-superintendente da Fundação.

Padrão internacional de gestão museológica

A Fundação Iberê foi contemplada com a Lei de Emergência Cultural Aldir Blanc nº 14.017/2020, Edital Sedac nº 10/2020 - Aquisição de Bens e Serviços, para aquisição de materiais e equipamentos destinados a salvaguarda, a catalogação e a exposição de bens museológicos. Desta forma, o edital possibilitou que a instituição avançasse com o Plano de Gerenciamento de Riscos, em atendimento às exigências internacionais, cada vez mais rigorosas, principalmente com relação a segurança de dados digitais – grande parte do seu processo de gestão museológica ocorre em ambientes eletrônicos.

O acervo de Iberê Camargo abriga, hoje, mais de 3,7 mil desenhos e guaches, desde o início de seu aprendizado (1927), até a imaterialidade de suas últimas linhas (1994); 217 pinturas (1941 a 1994) e 1.617 exemplares de 356 gravuras, entre gravuras em metal, litografias, monotipias, xilogravuras e serigrafias.

Todo este conjunto de obras, além de documentos, fotografias, matrizes para gravuras e centenas de obras de Iberê que encontram-se em coleções particulares estão disponíveis no Google Arts & Culture. Somando mais de 5 mil itens, somos a segunda instituição do Brasil em número de obras publicadas na plataforma e o único equipamento cultural do RS que integra o projeto de alcance global. Contudo, entendemos que só estamos no início do caminho.

Reserva Técnica da Fundação Iberê. Foto: Elvira T. Fortuna





ESTAMOS ABERTOS
SEGUINDO TODOS OS PROTOCOLOS DE DISTANCIAMENTO



A Fundação Iberê funciona de **sexta a domingo, das 14h às 18h**.
As visitas às exposições devem ser agendadas no Sympla ou apontando o celular pro QR code ao lado.





De 01 de maio a
04 de julho de 2021
Sextas a domingos,
das 14h às 18h
Ingressos pelo Symppla

O Fabuloso Universo de Tomo Koizumi

Uma explosão de cores e volumes na Fundação Iberê

Depois de uma temporada de sucesso na Japan House São Paulo, a exposição **O Fabuloso Universo de Tomo Koizumi**, chega ao Rio Grande do Sul. Para a mostra no Brasil, que contou com a curadoria de Natasha Barzaghi Geenen, diretora cultural da instituição nipônica, foram criadas três peças exclusivas, mesclando referências do nosso carnaval e dos quimonos tradicionais japoneses.

A exposição marca também a criação do Departamento de Moda, Design e Arquitetura, três pilares pouco conhecidos que sustentam a Fundação Iberê: a arquitetura de Álvaro Siza premiada com o Leão de Ouro na Bienal de Arquitetura de Veneza (2002); os móveis por ele projetados e utilizados pela equipe e pelo público da instituição e as estampas e vestidos assinados por Iberê Camargo, nos anos 1960.



Tóquio, 2002

Uma revista de moda, com fotos da alta-costura de Christian Dior, assinada por John Galliano, bastou para que Tomo Koizumi, aos 14 anos, dissesse: “Quero ser estilista”. Não era a moda em si que fazia seus olhos brilharem, mas as cores vibrantes das criações de Galliano e a excentricidade de seu ídolo.

Os primeiros moldes de Tomo eram hobbies. As aulas nas faculdades de Pedagogia e Artes Plásticas na Universidade Nacional de Chiba lhe ocupavam quase todo o tempo. E foram justamente essas criações despreziosas com organza, econômicas e de fácil aquisição no Japão, principalmente os retalhos de cores fortes, somadas à admiração pelo estilista britânico e à memória afetiva que o transformaram em um dos nomes mais importantes do mundo fashion.

“Eu queria fazer algo como alta-costura. Encontrei cortes de organza em muitas cores, mas em pouca quantidade. Era o que o dinheiro podia pagar. Fiz as combinações por causa dessa limitação, e isso resultou em misturas únicas”, recorda o artista.

Uma de suas criações foi compartilhada no Instagram de uma amiga. Quis o destino que a foto chegasse até o dono de uma multimarca de Tóquio, que acabou se encantando pela peça e quis revendê-la. Em 2011, Tomo lançou a sua marca homônima, vendendo inicialmente apenas para esse cliente, e começou a trabalhar como assistente de um figurinista japonês, e depois como figurinista.

Os figurinos, aliás, se tornaram uma grande paixão de Tomo. Produções únicas, feitas com 50m a 200m de organza, de cores e volumes extravagantes, que representam o seu universo recheado de referências nas artes tradicionais e na sua ancestralidade. Tudo ganhou mais significado quando grandes cantoras pop do Japão e globais, como Miley Cyrus, Katy Perry e Lady Gaga, vestiram suas peças.

“ Eu venho pensando que nem todo mundo pode usar os meus vestidos, mas que todos possam se divertir vendo-os. Essa exposição mostra o lado da moda como uma fantasia e espero que possa ser o colírio para os olhos das pessoas.

Tomo Koizumi

Fada madrinha

Em 2019, as criações de Tomo Koizumi atravessaram o oceano e chegaram às mãos da editora de moda britânica Katie Grand. Ela estava tão apaixonada pelos vestidos bufantes que deu um jeito do jovem ter um desfile na New York Fashion Week. O amigo Marc Jacobs cederia o espaço de uma de suas lojas, localizada na Madison Avenue; a renomada maquiadora Pat McGrath se encarregaria da beauté e o igualmente renomado cabeleireiro Guido Palau se ofereceu para fazer os penteados. Tomo teria menos de três semanas para preparar vinte e seis vestidos. Ele topou.

O estreante selecionou peças de uma coleção anterior e, com a ajuda de apenas um único assistente, criou outras inspiradas em pinturas abstratas, com material que tinha guardado. Tudo absolutamente reaproveitado, com o que tinha em casa. Como resultado, uma plateia boquiaberta. Ninguém esperava aquela explosão de cores e volumes.

A partir deste dia, Tomo foi considerado um dos 500 nomes mais influentes da moda, lista anual e superconcorrida do Business of Fashion. Em 2020, foi finalista do Prêmio LVMH de jovens estilistas e, em setembro do ano passado, anunciou uma colaboração com Emilio Pucci. Desde a saída de Massimo Giorgetti, em 2017, a marca italiana tem apostado em coleções cápsulas assinadas por diferentes designers e, para o Verão 2021, o estilista japonês foi o convidado para criar onze looks de organza, camisetas, sandálias e uma bolsa, que misturam tons de laranja, amarelo e branco.

Mesmo com as portas abertas e possibilidade de maior investimento, Tomo Koizumi segue os mesmos hábitos e usa os mesmos materiais. As peças mais simples demoram cerca de cinco horas para ficarem prontas. Cada uma delas pode usar até 200 metros de tecido nas coleções, que consistem, basicamente, em vestidos e conjuntos de saia. Em entrevista para a revista Vogue, Tomo disse que continuará fazendo moda para entreter as pessoas: “Trabalhar na indústria da moda significa que, eventualmente, você precisa começar a pensar comercialmente, para que consiga vender algo, mas ainda gostaria de fazer algo para entreter as pessoas. Elas sugerem que eu tente ser mais comercial, pois estou em um momento bem quente. Não estou pronto para isso. Não quero me apressar por algo que não preciso ou não me importa. Por agora”.



De 01 de maio a
04 de julho de 2021
Sextas a domingos,
das 14h às 18h
Ingressos pelo Sympla



Modelar no tempo: Iberê e a moda

A exposição apresenta, como uma pesquisa em andamento, oito estudos de figurinos, em guache, para o balé **As Icamíabas** (1959), outros seis estudos para a série **Manequins** e reproduções de fotos, jornais e editoriais de moda para revistas. A mostra destaca um conjunto de vestido e bolero com a primeira estampa assinada por Iberê, em 1963, para a empresa francesa de fibras sintéticas Rhodia, e que pertenceu a Maria Coussirat Camargo, esposa do artista.

Em diálogo com a exposição do estilista japonês Tomo Koizumi, pela primeira vez, a Fundação Iberê revela o “passeio” do pintor gaúcho pelo cenário da moda através de obras e documentos do acervo da instituição.



Quando a arte vira moda

No final dos anos 1950, quando a moda ainda engatinhava no Brasil, a Rhodia desembarcou no país tropical em que reinava o algodão e foi cirúrgica para se tornar conhecida: contratou o visionário publicitário italiano radicado em São Paulo, Lívio Rangan (1933-1984), para comandar o marketing da empresa. Foi então que ele convidou artistas plásticos para desenhar estampas a cada coleção, entre eles: Iberê Camargo, Tomie Ohtake, Nelson Leirner, Manabu Mabe, Alfredo Volpi e Willys de Castro.

A escolha dos artistas por Rangan revelava o interesse em dialogar com a arte contemporânea do momento e refletia as principais tendências da arte e da moda. As coleções eram apresentadas na Feira Nacional da Indústria Têxtil (FENIT), em desfiles-show que tinham uma extraordinária força midiática, graças também à participação de artistas consagrados e de músicos brasileiros, importantes alavancas na cadeia da moda nacional.

A parceria entre Lívio Rangan e artistas plásticos durou aproximadamente sete anos, entre 1960 e 1967. Ele levou aos palcos da FENIT, às passarelas de todo o Brasil, a outros países e às páginas de diversas revistas nacionais, obras de artistas das mais diversas linhagens de trabalho. De lá para cá, muitos vestidos se perderam, entre eles os assinados por Iberê e Ohtake. Setenta e nove modelos com estampas de 28 artistas foram doados ao Museu de Arte de São Paulo (MASP).

Iberê e a moda

Do vestido em linha reta dos anos 1920 aos excessos dos anos 1980, a moda esteve presente em diversos trabalhos de Iberê Camargo. Em 1959, o artista produziu uma série de estudos de figurinos para o balé **As Icamíabas**. Com libreto de Circe Amado, música de Cláudio Santoro e coreografia de Harald Lander, a peça foi inspirada em um conjunto de lendas e documentos legados pelos primeiros conquistadores e cronistas que estiveram na selva amazônica e que tiveram contato com tribos de mulheres guerreiras.

Para a Rhodia, entre 1963 e 1964, Iberê criou estampas. A primeira, com flores tropicais para tecido *crepnyl rhodianyil* violáceo, ganhou forma em conjunto único desenhado por Dener Pamplona, um dos pioneiros da moda no Brasil, para a campanha de divulgação da marca. No ano seguinte, produziu uma estampa verde-azulada para tecido musselina. Os dois vestidos originais, possivelmente apresentados nos desfiles-show, ainda não foram localizados. É também entre 1960 e 1964 que Iberê pintou um pequeno número de saias e vestidos para presentear amigos.

No final de 1985, ao observar as vitrines do centro de Porto Alegre, Iberê Camargo deu início a uma de suas séries mais emblemáticas, a dos **Manequins**. No ano seguinte, participou de um desfile de lançamento das coleções outono/inverno do Grupo de Moda Vanguarda Sul, no Museu de Arte do Rio Grande do Sul (MARGS), com um óleo sobre tela de grandes dimensões (180 x 213 cm), em que retratou as manequins Bebel, Cláudia e Crislaine. “Como já estava pintando manequins de vitrines, achei interessante poder retratar modelos vivas com toda beleza e feminilidade de quem veste moda. Fiquei encantado com a ideia e penso que a moda é uma moldura da beleza feminina. Além de ter achado muito interessante conjugar a arte com a moda dentro do museu”, disse Iberê na época.

Depois disso, volta-se novamente para a artificialidade dos manequins, desta vez, com cores mais sombrias: “O manequim é o protótipo da sociedade de consumo, o simulacro da realidade. As pessoas vivem dentro de caixas, assim como os manequins vivem dentro de vitrines”, afirma. Com o tempo, em contraste, os manequins passarão a dividir espaço com corpos nus e fora do padrão na obra de Iberê, até a sua fase derradeira.

Esta trajetória do artista, ainda pouco explorada, permitirá, no futuro, conjugar sua arte com a moda em uma grande exposição.

Gustavo Possamai

S
E
R
V
I
Ç
O



De 01 de maio a
25 de julho de 2021
Sextas a domingos,
das 14h às 18h
Ingressos pelo Sympla

Foto: Amanda Dias



Arnaldo de Melo O gesto crispado

Agora, pela primeira vez na Fundação Iberê, Arnaldo apresenta vinte e seis pinturas de grandes dimensões, a maioria realizada em 2019, e algumas produzidas nos anos 1980, quando viveu em Nova York e em Berlim.

O alfabeto particular de Arnaldo de Melo



Foto: Guilherme Sorbello

Um artista com a alma inquieta, crispada e ruidosa. Três virtudes do paulistano Arnaldo de Melo, 60 anos, que extravasam em seu ateliê localizado no distrito da Sé. As obras expostas são como um presente para o público. Apesar de ter uma trajetória precoce, com a participação em exposições desde 1979, no Brasil e na Alemanha, foi em 1990 que realizou sua primeira individual, na então recém-inaugurada Galerie Roepke, em Berlim.

O Gesto Crispado foi minuciosamente pensado para acompanhar os ambientes projetados pelo arquiteto português Álvaro Siza, de forma a usufruir de suas perspectivas abertas, voltadas ao vão livre interno e aos visitantes que chegam ao terceiro piso através das rampas.

Numa das salas de acesso, chama a atenção o conjunto de papéis sequenciados nos quais os traços largos, feitos com vassoura embebida em tinta acrílica, definem sinuosidades e contrações até os seus limites espaciais. “A esse conjunto de vinte e seis papéis, cada qual correspondendo a uma letra do alfabeto, o artista sugere uma ordenação visual e intencionalmente avessa ao alfabeto latino do qual deriva nossa escrita fonética. O alfabeto desta exposição apresenta as vogais como norteadoras para uma escrita, para logo se dispersar como que se esbarrando ou pedindo licença poética aos gestos que caracterizam a caligrafia oriental. Uma escrita-pintura no sentido de explicitar o seu apreço pelo gesto que se quer formativo enquanto disforme, tão preciso quanto ao mesmo tempo fugaz e desinteressado, em sintonia com o momento que vivemos”, escreve o curador Agnaldo Farias, que segue: “Ao passo em que serve de pórtico para o ingresso ao seu universo poético, declara de saída seu tributo à caligrafia oriental, à caligrafia dispensada da significação unívoca, celebrando sua condição selvagem. O caminho trilhado por nosso artista assemelha-se ao de todo artista que escapa de estruturas convencionais por entendê-las como subsumidas a princípios éticos, a sistemas comunicativos responsáveis por soluções cristalizadas, que não avançam, ao contrário, reafirmam sensibilidades e formas de expressão determinadas.”

“ O artista tenta escapar desse cerco por entendê-lo como mais do que restrito, pela promessa de apaziguamento que ele proporciona, pelo modo como induz as pessoas a preferirem aquilo que já conhecem. Mas a vida pertence à mudança, ao movimento contínuo, a crises sucessivas, discretas ou ostensivas, como se nota tão logo se coloca o pé na rua, e não será necessário viver sob o peso de pandemia para reparar nisso. A menos que se esteja definitivamente amortecido.

Entre 1987 e 1990, Arnaldo de Melo frequentou a Hochschule der Künste Berlin (hoje Universität der Künste). Durante esse período na então West-Berlin, recebeu orientação por parte do artista Karl-Horst Hödicke, um dos primeiros pintores que firmaram a escola neoexpressionista na Alemanha, ou a chamada *Wild Malerei* (Pintura Selvagem).

Antes, em 1984 e 1985, morou e trabalhou com pintura em Nova York, seguindo de forma autodidata sua escolha pela pintura abstrata expressionista, de evidente destaque nos grandes museus americanos. Ainda em Nova York, dedicou atenção especial à explosão da pintura neoexpressionista, que já adentrava os museus e trazia vigor às galerias de arte. Em simultâneo, recebeu forte influência dos grafites e dos artistas “de rua” que iniciaram suas carreiras naquele período.



De 01 de maio a
04 de julho de 2021
Sextas a domingos,
das 14h às 18h
Ingressos pelo Sympla

Eduardo Haesbaert

Um rio que passa

Um rio que passa apresenta trinta e seis trabalhos inéditos, entre desenhos, pinturas e monotipias na maior parte em grande formato, um deles de 157 x 500 cm. Todos foram executados a partir do convite do diretor-superintendente Emilio Kalil, em dezembro do ano passado. “Eduardo Haesbaert e a Fundação Iberê são como personagens indissociáveis. O nosso patrono (Iberê Camargo) sempre contou com Eduardo, fazendo dele um assistente/confidente. E, por sua vez, como um guardião desses tempos vividos ao lado do mestre, foi desenvolvendo nele mesmo um artista de talento incomum, entregue, em tempo integral, ao seu mundo criativo”, destaca Kalil.

Haesbaert viveu quatro meses intensos no ateliê que tem em casa, produzindo, em média, uma obra por semana. Uma imersão para dar vazão ao sentimento e transformar os tempos de incertezas em arte. Para ele, “o tema tem a ver com o momento que estamos vivendo e, também, com o desabamento de estruturas antes consideradas sólidas e seus consequentes desajustes humanitários e ambientais. No conjunto de obras realizadas para esta exposição expresso meu pensamento sobre a tensão e a suspensão do tempo, paisagens urbanas em ruínas. Projeto imagens de uma Babel que explodiu, de um plano piloto em desconstrução, de uma torrente de água que inunda o cenário ausente de presença humana e de um trampolim à espera do salto e do mergulho de quem as contempla”.

Um rio que passa não deixa de ser um desdobramento de suas exposições: **Negro de Fumo** (2015), **Desumano** (2017) e **Torrente** (2019), realizadas na Galeria Bolsa de Arte – em Porto Alegre e em São Paulo.

“Todo artista deveria ser como um rio com suas águas que se renovam sempre”. Esta é uma das frases de Iberê Camargo que mais marcou a trajetória de Eduardo Haesbaert ao lado do artista e que inspirou a produção para a sua primeira exposição individual na Fundação Iberê.

Para a exposição **Torrente**, Paulo Pasta escreve: “Nessa escuridão, que quase nos cega, vislumbramos aspectos de coisas, mas que não chegam a formar ou nos dar a notícia de sua totalidade. Não sei se estas feições são reveladas pela luz ou pela escuridão. Quanto mais eu olho para os trabalhos do Eduardo, mais fico convencido de que o negrume também desvela”.

Nuno Ramos, em texto sobre as obras da exposição **Negro de Fumo**, destaca: “Diz a verdade quem diz sombra”. Este verso do poeta romeno-alemão Paul Celan parece descrever perfeitamente o horizonte de trabalho de Eduardo Haesbaert. Feita de carvão, tinta a óleo, de pigmento, à maneira negra numa gravura ou naquela meia luz casual, é sempre a sombra, como uma matéria semis-sólida esparramando-se por tudo, que protagoniza sua obra. Parece estar tanto nas coisas como no intervalo entre elas, fazendo com que troquem de lugar para revelar uma origem (e uma espessura) comum”.

Paulo Pasta e Nuno Ramos participaram em 2005 e 2014, respectivamente, do projeto **Artista Convidado** do Ateliê de Gravura, coordenado por Haesbaert, onde criaram gravuras exclusivas na prensa que pertenceu a Iberê Camargo. Da soma de práticas e experiências, a Fundação Iberê compôs, ao longo dos anos, uma significativa coleção de gravuras assinadas por mais de cem artistas contemporâneos do Brasil e do exterior.

“ Sou artista de ofício, de ateliê. Meu trabalho é muito manual, meu corpo está ali junto impresso na obra. Papel, pigmento, mão e pensamento são os elementos essenciais da minha prática. Adenso o pigmento em pastel seco de carbono com pressão a palmo sobre o papel e revelo diferentes matizes do preto que cobre e descobre o branco da superfície, por vezes rasgada, criando texturas aveludadas para o claro e para o escuro.

Eduardo Haesbaert





Homenagem a Gelson Radaelli, por Eduardo Haesbaert

“Homem cheio de vida, pintor inquieto. Grande artista. Vai ser muito difícil sem a presença dele. Fica um vazio.”

Ainda é difícil para Eduardo Haesbaert compreender a partida precoce do amigo Gelson Radaelli, na madrugada do dia 28 de novembro do ano passado. O telefonema da esposa do artista, Rogéria, tirou seu chão. Foram mais de 30 anos de convívio.

A amizade dos dois começou no Atelier Livre da Prefeitura de Porto Alegre, em 1986. Haesbaert fazia gravura em metal, e Radaelli sempre passava por lá para distribuir o jornal que editava na época, o Pra Ver. Poucos anos depois, dividiram o mesmo ateliê, o porão de uma casa na Rua Garibaldi. Juntos, participaram de diversas exposições coletivas, em especial com o grupo que formaram com Fabio Zimbres, A Casa do Desenho.

Foi Radaelli quem apresentou Haesbaert a Iberê Camargo que precisava de um impressor, em 1990. Desde então, trabalhou como assistente e impressor de Iberê até a morte do artista, em 1994.

“Devo muito ao Gelson, era um cara generoso. Ele já era amigo de Iberê, conheceram-se também na época do Pra Ver”, recorda Eduardo Haesbaert.

Gelson Radaelli era, na verdade, um grande admirador do trabalho de Iberê. Foi influenciado pelo pai, Seu Zeno, um apaixonado por arte, que ele mergulhou nesse universo. O primeiro trabalho foi criar um catálogo pessoal de Iberê, como relembra em texto escrito para o catálogo da mostra **Iberê Camargo: Visões da Redenção**, em 2019.

“Ainda pré-adolescente, eu já tinha fascínio pelo trabalho do Iberê; morava em uma cidade minúscula, sem livraria, sem biblioteca nem banca de revistas. Meu pai, um apaixonado pela natureza e por arte, trazia da cidade maior publicações que falavam de pintores. Lembro-me bem da coleção Gênios da Pintura, com mais de vinte pequenos livros com capa dura, que reproduziam estampas dos principais quadros de cada artista consagrado, com fama mundial. Inconformado, eu garimpava fotos e matérias em revistas – Manchete e, quem sabe, na Revista do Globo ou na Cruzeiro! – e em alguns fascículos e catálogos que chegavam às mãos. Recortando e colando, criei o exemplar do Iberê Camargo nessa coleção que eu tanto apreciava. Minha quase veneração por esse artista se manteve após adulto e uma admiração única persiste até hoje.

Na metade da década de 1980, tive a sorte e o privilégio de conhecer o pintor entorpecido pela série exuberante com figuras humanas, carga matérica, infindáveis veladuras e pinceladas cheias de fúria. Não podia tê-lo encontrado em momento mais admirável. Eu permanecia imóvel no canto do ateliê, completo silêncio, invisível, assistindo o espetáculo de entrega e criação incomum, talvez única. (...) Acompanhei inúmeras jornadas do artista pela procura dessas imagens que nos ferem com delicadeza, cheias de visualidade e significados. (...) ”

“ Foi num dia desses, quando o Iberê ainda morava na Rua Lopo Gonçalves, que saímos a pé para mais um percurso no Parque da Redenção. Chegamos na fonte entre árvores, naquele momento riscada pela luz do sol: um cenário de filme. À volta dela, vários mendigos conversavam e lavavam as suas roupas. O artista pareceu iluminado. Apenas com os olhos e a mão em movimento, executou desenhos lindos e fluidos como música. Depois, num gesto de gratidão, pagou os modelos: entregou uma nota de dinheiro a cada um deles e fomos embora. Nesse dia, uma figura me provocou a atenção: o homem flagrado de frente, curvado sobre o espelho d’água da fonte, com o olhar fixo no artista e suas costas acima da própria cabeça, passava uma sensação simultânea de dignidade e de sofrimento, como se estivesse pronto para carregar o peso do mundo. Esse desenho é um dos estopins na minha série de pinturas em preto e branco com figuras curvadas, estreada no desfecho do século passado.

Desta relação nasceu uma pintura, Gelson Radaelli foi modelo de Iberê por um dia. Sempre prometia voltar para terminar a obra, mas o sucesso do seu restaurante Atelier das Massas, no centro histórico, lhe ocupava todo o tempo. Iberê faleceu e a pintura ficou inacabada, apenas com assinatura atrás, junto ao título: Gelson. Esta obra integra a pequena mostra que dialoga com a exposição **Um rio que passa**. Complementam **Homenagem a Gelson Radaelli**, três desenhos de Iberê Camargo e outras duas pinturas de Radaelli cedidas pela Galeria Bolsa de Arte.



Gelson Radaelli. Sem título, 2004.



Iberê Camargo. Mendicantes do parque, 1987.

O Fio de Ariadne chega a São Paulo

A Fundação Iberê chega a 2021 expandindo sua presença no Brasil, com a exposição **Iberê Camargo – O Fio de Ariadne** em cartaz no Instituto Tomie Ohtake, em São Paulo, até o dia 11 de julho.



Acesse a página da exposição no site da Fundação Iberê

Com curadoria de Denise Mattar e Gustavo Possamai, a mostra revela 36 cerâmicas e oito tapeçarias de grandes dimensões, obras que não eram expostas há cerca de 40 anos e que estão espalhadas em coleções públicas e particulares de Lisboa, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, São Paulo e Porto Alegre. Acompanham a mostra cartões e gravuras e uma linha do tempo em referência à urdidura feminina que apoiou o trabalho do pintor ao longo de sua história.

A itinerância é complementada com uma tapeçaria localizada recentemente em uma coleção particular de Belo Horizonte. Trata-se de uma obra de 140 x 225 cm, produzida no início dos anos 1980, que faz par com o cartão que serviu de base para a sua criação, pertencente a uma coleção de São Paulo.

Foi incluído também **Dédale**, filme do artista e diretor francês Pierre Coulibeuf. **Dédale** é uma ficção inspirada no universo artístico de Camargo e estruturada na figura mitológica de Dédalo. No filme, o artista e diretor estabelece uma conexão entre a estrutura arquitetônica do prédio da Fundação e o universo labiríntico da obra de Iberê. A obra, comissionada pela Fundação em 2009, leva para o espaço expositivo do Instituto Tomie Ohtake a presença marcante do Labirinto – na visão sufocante, contundente e poética de Pierre Coulibeuf.

Presente para a família de Clarice Lispector

Quem visitar **O Fio de Ariadne** poderá ver de perto uma gravura de Iberê Camargo com dedicatória feita para o filho de Clarice Lispector, Paulo Gurgel, e sua esposa, em 1976. O presente de casamento foi doado pela família da escritora ao acervo da Fundação.

“Ao conceber a exposição em Porto Alegre, entramos em contato com a família da escritora, pedindo autorização para usar uma foto de Clarice, e fomos surpreendidos com a doação da obra”, recorda Gustavo Possamai, responsável pelo Acervo da Fundação Iberê.

Iberê e Clarice se conheceram no meio artístico do Rio de Janeiro, que contava ainda com nomes como Carlos Scliar, Burle Marx, Bruno Giorgi e Aloísio Magalhães. Em 1969, o pintor gaúcho foi um dos entrevistados dos **Diálogos possíveis com Clarice Lispector**, uma seção da revista Manchete.

“Um homem alto, um pouco curvo, olhar manso, pele morena, o ar ascético de um monge: eis diante de mim Iberê Camargo, um dos nossos grandes pintores. Era impossível não conversarmos sobre o calor: fazia 40,9 graus à sombra. Eu estava no ateliê do pintor que fica numa cobertura na Rua das Palmeiras: como Iberê nota, parece que o terraço é um tombadilho e que, em breve, vamos zarpar. Bebemos água, bebemos café requentado – até que mais tarde, sua esposa Maria, uma das mais simpáticas das Marias, vem e nos faz um café expresso que me lembra a Itália. Enquanto isso, Iberê me dá uma toalha de rosto para eu enxugar de quando em quando o suor que me escorre pela testa, pelo rosto. Bebemos mais água. E a entrevista começa. O que me impressiona logo de início é o ar de honestidade, modéstia e, simultaneamente, de confiança em si próprio que Iberê transmite.” (Clarice Lispector)

Segue O Fio

Durante as décadas de 1960 e 1980, além de sua intensa produção em pintura, desenho e gravura, Iberê Camargo realizou trabalhos em cerâmica e tapeçaria. Eles respondiam a uma demanda do circuito de arte, herdada da utopia modernista que preconizava o conceito de síntese das artes; uma colaboração estreita entre arte, arquitetura e artesanato.

Com assessoria técnica das ceramistas Luiza Prado e Marianita Linck, o artista realizou, nos anos 1960, um conjunto de pinturas em porcelana com resultados surpreendentes. Na década seguinte, selecionou um conjunto de cartões que foram transformados por Maria Angela Magalhães em impactantes tapeçarias.

A mostra é complementada por uma cronologia ilustrada, apresentando algumas das mulheres que marcaram presença na vida de Iberê, por meio de fotos, biografias e depoimentos. Entre elas: sua esposa Maria Coussirat Camargo, a artista Djanira, as ceramistas Luiza Prado e Marianita Linck, as artistas Maria Tomaselli e Regina Silveira, a tapeceira Maria Angela Magalhães, a gravadora Anna Letycia, a escritora Clarice Lispector, as gravadoras Anico Herskovits e Marta Loguercio, a galerista Tina Zappoli, a produtora cultural Evelyn Ioschpe, a cantora Adriana Calcanhotto e a atriz Fernanda Montenegro.



Documentário Paisagem Concreta celebra os 13 anos da Fundação Iberê

Ao longo de 70 minutos, o documentário **Paisagem Concreta**, navega entre dois portos. Em Porto Alegre, o icônico edifício da Fundação Iberê; na cidade do Porto, o escritório do arquiteto Álvaro Siza, criador do celebrado projeto da instituição, inaugurada em 31 de maio de 2008. Com lançamento previsto para este ano, o filme foi gravado ao longo de 2020, pela Olé Produções, de São Paulo.

Com vista para o rio Douro, o arquiteto, entre um cigarro e outro, detalha o desenho da Fundação e sua relação afetiva com o Brasil, semeada desde a infância nos relatos de seu pai, nascido em Belém do Pará, e cultivada pelo modernismo e pela MPB.

Siza também elabora sobre os limites entre a arquitetura e a natureza, acompanhado por um percurso visual de obras celebradas, como as Piscinas das Marés, a Faculdade de Arquitetura do Porto e o Museu Nadir Afonso, e por depoimentos de colaboradores e críticos portugueses.

Enquanto isso, do outro lado do oceano, há os bastidores da montagem da exposição **Iberê Camargo – O Fio de Ariadne** e a reflexão de colaboradores da Fundação e de arquitetos contemporâneos para pensar sobre o futuro dessa paisagem concreta fincada na beira do rio Guaíba.

Ficha Técnica

Ideia original: Raul Penteado Neto
Argumento e pesquisa de conteúdo: André Scarpa, Manuel Sá e Raul Penteado Neto
Direção: Laura Artigas e Luiz Ferraz
Direção de Fotografia: André Scarpa e Manuel Sá
Produção Executiva: Gal Buitoni
Roteiro: Laura Artigas
Montagem: Daniela Gonçalves
Música: Baobá Stereo Club
Apoio Institucional: Fundação Iberê, IAB-SP, Canal Arte1
Realização: Olé Produções

Um espaço de conhecimento das artes

Mesmo de portas fechadas e diante de tantas incertezas, a Fundação Iberê nunca deixou de realizar. Reabriu ao público com uma novidade: uma sala de leitura aconchegante e diversificada, localizada no átrio, ao lado da Loja Iberê.

O espaço é composto por mais de 2.081 livros sobre artes, adquiridos por meio de doações e aquisições ao longo dos 25 anos da instituição. Alguns exemplares também estão disponíveis para aquisição na loja.

Em prateleiras que abraçam o visitante e contornam a sala, os títulos foram organizados para que o visitante tenha um panorama de arte e patrimônio brasileiro e internacional. Contemplam desde artistas e coletivos, exposições de arte, livros de instituições e coleções, bienais e feiras de arte, arquitetura, fotografia, dança, teatro, patrimônio e território, teoria e história da arte, arte educação. Também há um espaço especial de literatura infantil de obras premiadas, feitas a partir de uma curadoria detalhada do Programa Educativo.

A sala de leitura funciona de **sexta a domingo e feriados, das 14h às 19h**. O agendamento deve ser feito pelo site do **Sympla**.

Arte em casa

As lojas de museus e centros culturais são tão importantes quanto as exposições em cartaz. Elas são uma parte valiosa da experiência: carregam as coleções das instituições e amplificam sua visibilidade no mundo além dos prédios históricos que habitam. É lá que os visitantes circulam calmamente em busca de uma lembrança que transformará sua experiência em memória ou para presentear alguém com um repertório.

Em setembro passado, a Fundação Iberê reabriu e ganhou uma nova loja, com conceito e curadoria voltados à arte, design e exclusividades. Além dos produtos da marca própria – bags, camisetas, copos sustentáveis, xícaras e porta-copos em porcelana, chaveiros e pins, materiais de papelaria, catálogos das exposições que estão e estiveram presentes na instituição –, o acervo conta com gravuras assinadas pelos mais de cem artistas que passaram pelo Ateliê de Gravura e peças exclusivas de diversos lugares do Brasil.

Artistas plásticos e visuais: Guinr (RS), Heloisa Crocco (RS), Jefferson Trevisan (PR), João Pedro Knoth (SC), Nathan Braga (RJ), PedroLuiss (RJ) e Pedro Matsuo (RS)

Ceramistas: Com Design Cerâmico (RS), Lorenzo Muratorio Cavichioni (RS) e Rosalva Siqueira (PE)

Designers: Bruno De Lazzari (RS), Crocco Studio Design (RS), Draken (RS), Graziela Dias (RS), Kapital Studios (RS), Letícia Remião (RS) e Lucas Recchia (SC)

Jóias: 13 Joules (SP), Nart Studio (SP) e Winter Jewels (RS)

Papelaria: SchizziBooks (SP)

Horário de funcionamento:

Sexta a domingo e feriados, das 14h às 19h

E-commerce: atelierdegravura.lojavirtualnuvem.com.br/

Contato: (51) 3247-8021 - loja@iberecamargo.org.br

Instagram: @lojaibere



Fundação Iberê reabre com exposições ocupando todos seus andares

A Fundação Iberê reabriu suas portas no dia 1º de maio com três grandes exposições:

O Fabuloso Universo de Tomo Koizumi;
Um rio que passa, de Eduardo Haesbaert;
e **O gesto crispado**, do paulistano Arnaldo de Melo. Em diálogo com a mostra do estilista japonês, é apresentado, pela primeira vez, o “passeio” de Iberê Camargo pela moda em **Modelar no tempo: Iberê e a moda**. E com Eduardo Haesbaert, a Fundação presta uma homenagem ao artista **Gelson Radaelli**.

O primeiro final de semana foi de reencontro e euforia, principalmente, com a exposição de Tomo, um jovem extravagante, surpreendente, criativo e vibrante, criador de peças que são o perfeito encontro da intimidade do trabalho manual ao glamour, sofisticação e teatralidade. A mostra do estilista japonês marca início do processo de criação do Departamento de Moda, Design e Arquitetura.



Ana Espíndola, Bettina Becker, Eduardo Braule-Wanderley, Maria Montero, Ingrid de Kroes, Carmen Dirani, Mauren Motta, Caroline Kreling e Melissa Xavier. Foto: José Kalil.



Eric Klug, presidente da Japan House SP; Masahiro Takagi, cônsul-geral do Japão em Curitiba; Takashi Yokoyama, cônsul do Japão em Porto Alegre; e Emílio Kalil, diretor-superintendente da Fundação Iberê. Foto: Nilton Santolin.



Ana Espíndola, Caroline Kreling e Melissa Xavier. Foto: Bettina Becker.



Patrice Gaidzinski. Foto Nilton Santolin.



Eduardo Braule-Wanderley, CEO do Grupo Petra Gold. Foto: Vitoria Proença.



Maria Montero, da Sé Galeria, de São Paulo e Liana Marcantônio. Foto: Bettina Becker.



Cineasta Otto Guerra na exposição “Um rio que passa” Foto: Nilton Santolin.



Teodoro e Rogéria Rocha - viúva e filho de Gelson Radaelli. Foto: Nilton Santolin.



Eduardo Haesbaert na homenagem ao amigo Gelson Radaelli. Foto: Vitoria Proença.



Confira abaixo nossa programação de exposições de maio a julho.
 A Fundação Iberê funciona de **sexta a domingo, das 14h às 18h**.
 As visitas às exposições devem ser agendadas pelo Sympla ou apontando
 o celular pro QR code ao lado. Visite nosso site: www.iberecamargo.org.br



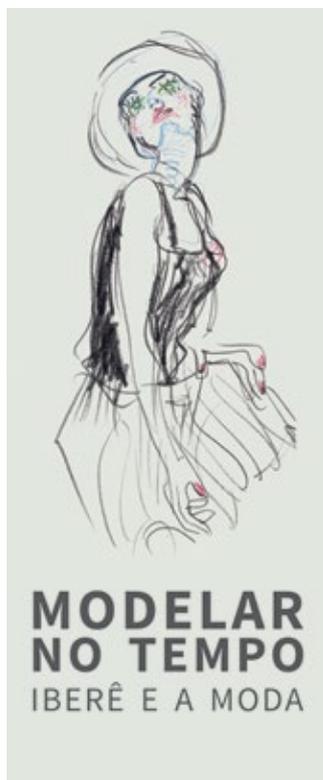
EDUARDO
HAESBAERT
UM RIO QUE PASSA

01 MAI > 25 JUL



ARNALDO
DE MELO
O GESTO CRISPADO

01 MAI > 25 JUL



MODELAR
NO TEMPO
IBERÊ E A MODA

01 MAI > 04 JUL



O FABULOSO UNIVERSO DE
TOMO
KOIZUMI

01 MAI > 04 JUL



Lei de Incentivo à
CULTURA

A FUNDAÇÃO IBERÊ REALIZA SEUS PROJETOS ATRAVÉS DE LEIS DE INCENTIVO À CULTURA.
 AGRADECEMOS O IMPORTANTE PATROCÍNIO E APOIO DAS EMPRESAS PARCEIRAS E MANTENEDORES.



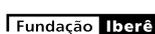
IBERÊ NAS ESCOLAS



APOIO



REALIZAÇÃO



MANTENEDORES DA FUNDAÇÃO IBERÊ | 2021

BENEMÉRITO: JORGE GERDAU JOHANNPETER **PLATINUM:** EDUARDO BRAULE-WANDERLEY | SIMONE CADINELLI **DIAMANTE:** IRINEU BOFF
CONSELHEIROS MANTENEDORES: ARTHUR HERTZ | BEATRIZ BIER JOHANNPETER | CELSO KIPERMAN | DULCE GOETTEMES
 FRANCÉS REYNOLDS | GLAUCIA STIFELMAN | HERMES GAZZOLA | ISAAC ALSTER | JAYME SIROTSKY | JOSEPH THOMAS ELBLING
 LIVIA BORTONCELLO | NELSON SIROTSKY | OLGA VELHO | RENATO MALCON | RODRIGO VONTOBEL | SERGIO D'AGOSTIN
 WAGNER LUCIANO DOS SANTOS MACHADO | WILLIAM LING **MANTENEDORES OURO:** ANA LOGEMANN | ANNA PAULA VASCONCELLOS RIBEIRO
 CECILIA SCHIAVON | JUSTO WERLANG | PATRICE GAIDZINSKI | PATRICK LUCCHESI | RICARDO MALCON | SILVANA ZANON